

J. R. GUZZO



E-MAIL: JRGUZZO43@GMAIL.COM

Macron e a soja

O presidente da França, Emmanuel Macron, não gosta do Brasil, nem dos brasileiros, nem do presidente que eles elegeram dois anos atrás. Mais do que qualquer outra coisa, Macron não gosta da agricultura e dos agricultores brasileiros; sempre faz questão, nos cinco minutos por ano em que pensa alguma coisa em relação ao Brasil, de repetir que a produção de sojapora aqui (sem falar no milho, carne, frango e todo o resto) está destruindo a “floresta amazônica” e, com isso, tirando o oxigênio que a França, a Europa e o mundo precisam para

respirar. Não há o que fazer a respeito: o homem não muda de ideia e não muda de assunto. Vai continuar assim.

O problema com esse tipo de noção é a sua absoluta falta de conexão com a realidade dos fatos. A Amazônia, como pode ser verificado em não mais que dez minutos de pesquisa básica, não tem nada a ver com a soja brasileira, nem com o milho ou com os demais grãos. Mais de 70% da produção brasileira vem de quatro Estados – Rio Grande do Sul, Paraná, Goiás e Mato Grosso. O Mato Grosso ainda tem uma parte do seu território, apenas uma parte, na chamada “Amazônia Legal” – uma

ficção burocrática que não tem nada a ver com a geografia, e sim com truques fiscais para se pagar menos imposto. Mas todo o restante da área cultivada está fora de lá – a maioria dos agricultores do Paraná, por sinal, provavelmente passa a vida inteira sem jamais botar os pés na Amazônia. Além disso, ninguém precisa derrubar uma única árvore para produzir – produzir mais a cada ano, aliás, ocupando o mesmo espaço de terra, por força da tecnologia e do aumento na produtividade.

Como a soja colhida no interior do RS põe em risco o equilíbrio ecológico do ‘planeta’?

A Amazônia, inteirinha, responde por 10% da produção rural do Brasil – só isso. Como, então, a soja colhida no interior do Rio Grande do Sul pode estar pondo em risco o equilíbrio ecológico do “planeta”? Não pode, e não vai poder nunca. O presidente Macron, e

quem quer pensar como ele, acha o oposto: nunca lhe ocorreu que nos 8,5 milhões de quilômetros quadrados do Brasil possa existir algum tipo de atividade rural fora da Amazônia, nem que o produtor brasileiro conheça o trator, métodos de irrigação e as noções elementares de agronomia. Colheu um cacho de banana? Então é porque está destruindo “a floresta”.

Macron, se tivesse algum interesse nas realidades, poderia perfeitamente saber disso tudo consultando um dos 5,5 milhões de funcionários públicos franceses que vivem à sua disposição; é impossível que ninguém saiba, nessa multidão toda, como se produz soja no Brasil. Também poderia perguntar sobre o assunto a uma das maiores e mais antigas empresas da própria França, a Louis Dreyfus, que trabalha no agronegócio brasileiro há 80 anos, tem 11 mil funcionários no Brasil e opera ativamente em toda a área rural, da soja à laranja, do café ao milho. Mas quem é que está interessado em coisas chatas

e sem nenhum proveito político como a busca de fatos? O presidente da França, com certeza, não está.

Sua última ideia a respeito do assunto é acabar com a “dependência” que a França teria da soja brasileira – indispensável para a sua produção de proteínas. Disse que estava sendo “coerente”: quem defende a Amazônia e o meio ambiente tem de ser contra o Brasil e a agricultura brasileira. Do que ele está falando? O Brasil produziu 135 milhões de toneladas de soja em sua última safra; a Europa inteira mal chegou às 3 milhões. Como vai resolver isso? Não vai e, pelo jeito, não está preocupado com os aspectos físicos dessa história toda. Como se sabe, existem dois tipos básicos de ignorância: a involuntária e a voluntária. A primeira tem remédio. Para a segunda não se conhece solução.

* JORNALISTA

SEG. Carlos Pereira (quinzenalmente) | TER. Eliane Cantanhêde | QUA. Rosângela Bittar | QUIL. William Waack | SEX. Eliane Cantanhêde | SÁB. João Gabriel de Lima | DOM. Eliane Cantanhêde e J.R. Guzzo

Pesquisa vê ‘pandemia’ de desconfiança

Levantamento de agência internacional também indica que brasileiros estão entre os mais dispostos a tomar vacina contra a covid-19

VACINAÇÃO E CONFIANÇA

● Pesquisa foi realizada em 27 países entre outubro e novembro do ano passado

Pretende tomar a vacina da covid-19

EM PORCENTAGEM	O MAIS CEDO POSSÍVEL	DENTRO DE UM ANO
Rússia	15	40
África do Sul	21	49
França	24	52
Japão	18	54
Cingapura	18	54
Espanha	23	58
Holanda	32	58
Nigéria	26	59
EUA	33	59
Alemanha	33	62
Coreia do Sul	28	65
Irlanda	32	65
Itália	35	65
Quênia	33	66
Canadá	35	66
Reino Unido	42	66
Indonésia	24	68
Malásia	28	69
E. Árabes	39	69
Argentina	39	70
A. Saudita	43	71
Austrália	45	71
Colômbia	35	72
Tailândia	39	73
China	45	74
México	39	75
Brasil	48	76
Índia	51	80

Confiança nas empresas

EM PORCENTAGEM	DESCONFIA	NEUTRO	CONFIA
Rússia	34	-	-1
Japão	46	-	-3
Coreia do Sul	47	-	+2
Reino Unido	50	-	+3
França	51	-	+1
Espanha	52	-	+2
Alemanha	54	-	+6
EUA	54	-	+4
Irlanda	55	-	+7
Argentina	56	-	+4
Canadá	56	-	+3
Itália	59	-	+2
Brasil	61	-	-3
África do Sul	61	-	+3
Nigéria	62	-	-
Austrália	63	-	+11
Colômbia	63	-	-3
Cingapura	65	-	+7
Tailândia	67	-	-6
E. Árabes	67	-	-1
Quênia	68	-	+4
Malásia	69	-	+6
Holanda	69	-	+7
China	70	-	-12
México	71	-	-1
A. Saudita	73	-	+8
Indonésia	78	-	-1
Índia	82	-	0

VARIAÇÃO EM RELAÇÃO À PESQUISA ANTERIOR

Confiança no governo

EM PORCENTAGEM	DESCONFIA	NEUTRO	CONFIA
Nigéria	24	-	-
África do Sul	27	-	+7
Argentina	30	-	-4
Colômbia	33	-	0
Rússia	34	-	+1
Espanha	34	-	+4
Japão	37	-	-6
Quênia	38	-	+4
Brasil	39	-	+2
EUA	42	-	+3
México	44	-	0
Reino Unido	45	-	+9
Irlanda	48	-	+7
França	50	-	+15
C. do Sul	50	-	-1
Itália	51	-	+10
Tailândia	51	-	-9
Canadá	59	-	+9
Alemanha	59	-	+14
Austrália	61	-	+17
Malásia	65	-	+7
Holanda	69	-	+10
Indonésia	70	-	-5
Cingapura	76	-	+6
Índia	79	-	-2
E. Árabes	80	-	+4
China	82	-	-8
A. Saudita	82	-	+4

VARIAÇÃO EM RELAÇÃO À PESQUISA ANTERIOR

Confiança nos meios de comunicação

EM PORCENTAGEM	DESCONFIA	NEUTRO	CONFIA
Rússia	29	-	+1
Japão	36	-	-1
França	37	-	0
Reino Unido	37	-	+2
Colômbia	39	-	-9
Coreia do Sul	40	-	-3
Argentina	42	-	0
Irlanda	42	-	+5
África do Sul	42	-	+2
Espanha	42	-	0
Nigéria	44	-	-
EUA	45	-	-3
Brasil	48	-	+4
Itália	50	-	+1
Austrália	51	-	+12
Alemanha	52	-	+3
México	53	-	-6
Canadá	54	-	+1
Quênia	55	-	-1
E. Árabes	56	-	+3
A. Saudita	60	-	+14
Tailândia	61	-	-3
Holanda	61	-	+3
Malásia	62	-	+9
Cingapura	62	-	+7
Índia	69	-	-4
China	70	-	-10
Indonésia	72	-	+3

VARIAÇÃO EM RELAÇÃO À PESQUISA ANTERIOR

*MÉDIA GLOBAL NÃO INCLUI NIGÉRIA

FONTE: EDELMAN TRUST BAROMETER 2021

INFOGRAFIC/ESTADÃO

Rolf Kuntz

Brasileiros desconfiam do governo, mas estão entre os mais dispostos a ser vacinados contra a covid-19, segundo a pesquisa Edelman Trust Barometer, realizada anualmente em 28 países pela Edelman, agência global de comunicação. No Brasil, 76% dos entrevistados indicaram a intenção de tomar a vacina dentro de um ano, a partir do início do processo, e 48%, tão cedo quanto possível. Só na Índia foi encontrada uma parcela maior de pessoas inclinadas a se vacinar, 80% em um ano e 51% assim que houver oportunidade.

Graus muito maiores de hesitação foram encontrados em países avançados, como Itália, Alemanha, Estados Unidos, Espanha, Japão e França. Na Rússia, onde um imunizante foi aprovado muito rapidamente, só 40% mostraram interesse em receber a injeção neste ano.

Confusão, desorientação, desinformação e desconfiança em relação a governos, políticos, meios de comunicação, organizações não governamentais e empresas dominam o cenário na maior parte dos países cobertos pela pesquisa. Neste ano as

empresas surgiram como as instituições mais confiáveis, com 61% de avaliações positivas, tomando o lugar dos governos (53%). “Esta é a era da falência da informação”, disse Richard Edelman, CEO da empresa. “A violenta invasão do Capitólio, na semana retrasada, e o fato de apenas um terço da população do país estar disposto a tomar o quanto antes a vacina contra covid deixam claros os perigos da desinformação.”

Mas apenas um quarto dos entrevistados (26%) em toda a pesquisa pratica a “higiene de informação”, interessando-se pelas notícias, verificando os dados, fugindo das bolhas e evitando repassar informações sem checá-las. Só 59% dos praticantes da “má higiene” disseram-se dispostos a tomar a vacina contra a covid no primeiro ano de aplicação. Entre as pessoas com “boa higiene” da informação, 70% deram a resposta positiva.

Brasileiros e americanos aparecem muito próximos, com posições quase iguais quando se trata de confiança no governo e nos meios de comunicação. Em 13 de 27 países as pessoas desconfiam dos governos, com respostas positivas entre 24% e 48%. Em seis o cenário é neutro, com taxas entre 50% e 59%. Em

Bolsonaro provoca aglomeração em festa em Brasília

● O presidente Jair Bolsonaro provocou aglomeração ao comparecer, na tarde de ontem, a uma festa de aniversário no Clube Naval, em Brasília. Sem máscara, ele interagiu com os presentes e posou para fotos.

O compromisso não estava na agenda oficial de Bolsonaro, que deixou o Palácio da Alvorada por

nove países as pessoas se disseram claramente confiantes, na faixa de 61% a 82%.

No Brasil 39% afirmaram confiar – uma porcentagem dois pontos maior que a do ano anterior. Nos Estados Unidos a taxa aumentou três pontos em um ano, para 42%. Os três países com governos mais confiáveis, de acordo com os consultados, são os Emirados Árabes Unidos (80%), a China (82%) e a Arábia Saudita (82%). Os placares foram neutros ou negativos na maior parte das democracias de estilo ocidental.

A mídia da maior parte dos paí-

volta das 15h20. O vereador Carlos Bolsonaro (Republicanos-RJ), filho do presidente, também esteve no local.

A confraternização ocorreu em uma área aberta do clube. Apenas poucos convidados faziam uso da proteção facial, item ainda de uso obrigatório durante a pandemia da covid-19. A festa reuniu dezenas de pessoas, com atrações para crianças.

A aparição pública de Bolsonaro foi a primeira após o panelaço, ocorrido anteontem, em várias capitais do País, em protesto con-

tra a maneira como o governo lida com a crise em Manaus, que enfrenta um colapso no sistema de saúde, com o aumento do número de casos de covid e a falta de oxigênio nos hospitais.

Antes de ir ao evento, Bolsonaro usou as redes sociais para dizer que o governo envia material humano e oxigênio ao Amazonas desde o início da pandemia do novo coronavírus.

O presidente deixou o clube por volta das 17h10 e seguiu para o Alvorada. Ele não falou com a imprensa. / VINÍCIUS VALFRÉ

Nos Estados Unidos, situados na posição vizinha, 45% expressaram opinião positiva. No primeiro caso, houve aumento de 4 pontos em relação ao ano anterior. No segundo, redução de 3 pontos. Os números evoluíram como se tivesse havido, no Brasil, um ligeiro movimento na direção contrária ao bolsonarismo e, nos Estados Unidos, uma pequena adesão ao trumpismo.

As declarações de confiança na imprensa foram bem menores em democracias como Espanha (42%), Reino Unido (37%), França (37%) e Japão (36%). Na Rússia apenas 29% disseram

confiar na mídia. Foi a menor porcentagem. No conjunto, no entanto, a confiança na mídia tradicional ainda ficou em 51%, taxa bem superior à das redes sociais (35%). Essa diferença tem algo a ver com a distinção entre os praticantes da “boa higiene” e da “má higiene” da informação e, muito provavelmente, com a maior inclinação dos “higienistas” a aceitar a vacinação.

A confiança na mídia também é uma das diferenças importantes entre eleitores de John Biden e de Donald Trump. Entre os primeiros, 57% disseram confiar nos meios de comunicação tradicionais. Só 18% dos trumpistas deram resposta positiva. Esses dados são de uma consulta realizada em dezembro, pouco depois da eleição.

Com a pandemia, cresceram inquietações e desconfiança e, ao mesmo tempo, mudaram as prioridades. No topo, sem surpresa, ficou a melhora dos sistemas de saúde, seguida pelo combate à pobreza.

Realizada desde 2001, a pesquisa Edelman Trust Barometer tem sido normalmente apresentada em Davos, na semana de reunião do Fórum Econômico Mundial. Desta vez a apresentação ocorreu pouco mais cedo, por meio virtual.